



**GENERAL DE EXÉRCITO ZENILDO GONZAGA ZOROASTRO DE LUCENA  
NA MINHA MEMÓRIA**

**Cel Inf Manoel Soriano Filho , acadêmico da FAHIMTB, Cadeira  
Cel Inf Francisco Ruas Santos**

**Faleceu, em 26 de março do presente ano, o Gen.Ex. Zenildo de Lucena, ministro do Exército de 06/10/1992 a 01/01/1999.**

**Em decorrência deste infausto, recebi do coronel Cláudio Moreira Bento, presidente da Federação das Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), em tom de quem não aceita recusa, a tarefa de homenagear, em nome da Federação à qual pertença, o ínclito militar que nos deixou. Côncio de não possuir cabedal para tanta responsabilidade, muito penhorado, procurarei cumprir, na medida de minhas possibilidades, a honrosa missão recebida, eis que sempre segui a parêmia, 'Missão Dada, Missão Cumprida!' A análise percuciente, detalhada e fartamente documentada acerca da longa gestão do ministro Zenildo, encontra-se no excelente livro 'Ministros da Guerra e do Exército Brasileiro – 1951 a 1999', de autoria do coronel Diniz Esteves, Edição do Estado-Maior do Exército, 1999, e Verano Editora, Brasília-DF.**

**A homenagem que irei prestar, por delegação do presidente da Federação, coronel Bento, é por demais singela e bem distante de um merecido e consistente panegírico ao ilustre militar falecido. Assim, vou somente me ater aos frequentes contatos que tive com aquele emérito general, ao tempo em que fui chefe do Centro de Documentação do Exército (por doze anos, de 1993 a 2005), relativos a assuntos de memoriabilia de nosso glorioso Exército (denominações e estandartes históricos, distintivos heráldicos, registros histórico-culturais, uniformes, canções militares, cerimonial militar, valores, místicas etc., etc), todos imbricados com os objetivos estabelecidos pela FAHIMTB. Encarregado, por um longo período, de proceder aos trabalhos documentais pertinentes à concessão dessas honrarias castrenses, procurarei, no decorrer deste escrito, destacar o auxílio que sempre me prestou o coronel Bento, máxime quando elaborei, em 1994, o Estudo para a instituição do 'Dia do Exército', alusivo à 1ª batalha dos Guararapes, travada em 19 de abril de 1648. Lastimavelmente, por causa da quantidade de assuntos que desejo narrar de forma memorialista, este escrito é um tanto prolixo, pelo que, desde já, rogo a paciência e compreensão dos caros leitores.**

**Entretanto, antes de me enveredar nas fainas que desenvolvi no CDocEx, aprovadas pelo ministro Zenildo, não poderia, como historiador militar, deixar de consignar alguns marcos que julgo de grande historicidade em sua administração ministerial. Inicialmente, assinalo o fato de o segmento**

feminino ter passado a integrar os Colégios Militares; igualmente, ressalto a formação das primeiras oficiais na Escola de Administração do Exército, em 1992. Também digno de especial destaque foi a regulamentação da Lei do Serviço Militar, em 1994, permitindo a prestação do Serviço Militar Obrigatório, por mulheres voluntárias. Outrossim, foi instituída, em 1996, como Patrono do Quadro Complementar de Oficiais, a baiana Maria Quitéria de Jesus, 'A Heroína da Independência do Brasil'.

A década de 1990 foi extremamente hostil para a nossa Soberania, mercê da cobiça internacional da parte de nações hegemônicas. Insurgiram problemas de toda ordem, particularmente os relacionados a demarcações de terras indígenas, questões ambientais, pressões inaceitáveis de Ongs alienígenas, tentativas de obtenção de minerais estratégicos, biodiversidade, água doce, áreas para lançamento de artefatos aeroespaciais etc., etc., em especial na Amazônia, toda ela cortada, aduzase, pela fictícia 'linha do Equador', os quais, não apenas por tudo isso, assomaram de relevantíssima importância. 'Ipso facto', na reunião do Alto-Comando do Exército, de 15 a 17 de fevereiro de 1995, foram expedidas históricas diretrizes que evidenciaram, sobejamente, o sentimento patriótico/nacionalista da Instituição, sob o comando do general Zenildo, e que merecem ser bem meditadas, nos dias hodiernos. Eis um pequeno trecho das ditas Diretrizes, excerto do livro já mencionado, do coronel Diniz Esteves: "O retorno da expressão "área de influência", por parte de representantes das grandes potências em discursos em organismos internacionais, e outras conhecidas como "soberania limitada", "dever de ingerência", "ajuda humanitária" e "zona de exclusão", suscitam desconfiças em países menos desenvolvidos, por sentirem-se capazes de gerar instrumentos que, sob o manto da fraternidade e do bem-estar da comunidade mundial, venham a ferir suas soberanias.

Da mesma forma, baseados em argumentos de preocupação legítima, mas que na realidade, objetivam manter seus "status quo", os países desenvolvidos bloqueiam, unilateralmente ou através de "clubes controladores", o acesso dos mais pobres às tecnologias de ponta, já que são de emprego dual, o que consolida o cartel do conhecimento por, progressivamente, aumentar o hiato tecnológico entre as partes, resultando em obstáculo ao desenvolvimento e realimentando as fontes de pobreza".

E ainda mais: em conexão com o expandido no parágrafo anterior, frise-se que com vistas à defesa e guarda da Amazônia Brasileira, em hipótese de invasão, foi implantada, no ano de 1994, pelo Comandante Militar da Amazônia, general Pedroso, a 'estratégia da resistência', que vem sendo aprimorada desde aquela época. A respeito dessa estratégia, o ministro Zenildo assim se pronunciou, de forma lapidar e sucinta, em entrevista concedida à revista 'Verde Oliva', número 161, de maio/junho de 1998:

***“A Estratégia da Resistência é a maneira autóctone de conduzir o combate na selva tropical. Será na eventualidade de ocorrer um conflito naquela região, a estratégia do fraco contra o forte, visando seu desgaste físico e psicológico, atingindo-o no seu ponto mais vulnerável: a vontade de lutar”.***

Como arremate dessas minhas perfunctórias considerações sobre a gestão do ministro Zenildo, desejo acrescentar algo a respeito de seu pensamento militar, que considero de singular relevo e invulgar senso de realismo. Em sua despedida do Exército, em 30 de dezembro de 1998, disse o seguinte:

***“Amadureci também a noção de que esse Exército, atento às prioridades da sociedade a que serve, não pode ser mais poderoso do que a Nação. Países que falharam em entender esse ensinamento acabaram por nos proporcionar trágicas lições”***

O 'slogan' "Exército Brasileiro: Braço Forte, Mão Amiga", foi uma criação do general Zenildo. Era fevereiro de 1994. Recebi determinação do ministro Zenildo para que procedesse, sem perda de tempo, a um Estudo para a criação do Dia do Exército, referente à data de 19 de abril de 1648, a da 1ª batalha dos Montes Guararapes. Apesar de haver ministrado este assunto aos cadetes, quando instrutor/professor de História Militar na AMAN, na década de 1980, não me considerava um especialista no tema. Então, me vali de fontes históricas fidedignas para o cumprimento do encargo recebido. Dentre as várias publicações que compulsei, soblevaram-se os trabalhos do coronel Claudio Moreira Bento, também ex-instrutor/professor de História Militar na AMAN 1978/1980 e meu orientador e professor de História, quando prestei concurso para a ECEME, em 1977, eu, capitão comandante da Companhia Comando do II Exército, e ele, oficial da 2ª Seção daquele Grande Comando (muito devo ao excepcional Mestre, pela minha aprovação naquele concurso!). Dois desses trabalhos me serviram de Norte para a colimação do objetivo: a edição do EME, 'História do Exército Brasileiro – Perfil Militar de um Povo', RJ, 1972, no extenso capítulo 'Guerra Holandesa, 2º capítulo p. 101/208 com texto da lavra do então Major Claudio Moreira Bento , como historiador convidado pelo Chefe do Estado-Maior do Exército com foco nas batalhas dos Guararapes e do mesmo autor 'As Batalhas dos Guararapes, Descrição e Análise Militar' – Editora Universidade Federal de Pernambuco, 1972, trabalhos de largo e impressionante fôlego e de excepcional referência, da lavra repetimos do então Major Eng QUEMA Bento, e que constam da bibliografia que apresentei após a conclusão de meu alentado Estudo. Neste documento, quando da 'Exposição de Motivos', afirmei, no item 3), 'ipsis verbis':.....

***“Nascia, com os Guararapes, a doutrina militar brasileira, desenvolvida em 24 anos de lutas contra o invasor, decisiva para a vitória e posterior expulsão dos holandeses do Brasil”, como nos ensina o emérito historiador militar coronel Cláudio Moreira Bento, concluindo que, após Guararapes, “o Exército Patriota passou a dominar Pernambuco”.***

O ministro, sempre ufano de sua terra natal, se mostrou muito contente com toda a documentação que lhe foi apresentada, a data foi instituída por Decreto Presidencial, ‘ad perpetuam memoriam’, e ele ainda me determinou que escolhesse uma frase-síntese para ser exposta, em letras garrafais, de bronze, no frontispício do Parque Histórico Nacional dos Guararapes e na parede lateral do Parque, que dá para uma importante avenida de Jaboatão dos Guararapes. Este ‘slogan’ também encimaria a famosa tela de Victor Meirelles, ‘Batalha dos Guararapes’, que, adaptada e emoldurada, foi distribuída para todas as OMs da Força. Muito meditei e me louvei nas preleções do ilustre historiador militar, general Flamarion Barreto, hoje patrono de cadeira na FAHIMTB e que tanto contribuiu, por meio de suas publicações - ‘os branquinhos’-, para com inúmeros candidatos (e aqui me incluo) aos exames de nossa Escola de Estado-Maior, e que afirmou, peremptoriamente: ***“Em Guararapes nasceu o Exército Brasileiro”***. De igual forma, muito me inspirou a ida do general Mascarenhas de Moraes, aos montes Guararapes, em 1945, quando de seu retorno da Itália, onde, simbolicamente, ‘depositou os louros da FEB’ e proferiu uma antológica, histórica e comovente alocução. Eis um pequeno trecho da Oração do Marechal Mascarenhas:

***Citação – “Nestas colinas sagradas, na batalha vitoriosa contra o invasor, a força armada do Brasil se forjou e alicerçou para sempre a base da nação brasileira” – Fim da Citação.***

Destarte, surgiu-me o mote: ***‘Guararapes: Berço da Nacionalidade e do Exército Brasileiro’***, que também é exibido em bronze e em letras versais, no majestático Monumento a Guararapes, existente no pátio central do Colégio Militar de Brasília, idealizado pelo general Arnaldo Serafim, presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil – Academia Marechal José Pessoa, do Distrito Federal, federada a FAHIMTB. Mas a missão teve continuidade, pois fui encarregado de mandar confeccionar estampas coloridas de Francisco Barreto de Menezes, o comandante nas duas batalhas dos Guararapes (1648 e 1649), do ‘Exército Patriota ou Libertador’, e dos comandantes dos quatro Terços que compunham o dito Exército, na primeira dessas notáveis batalhas: João Fernandes Vieira, André Vidal de Negreiros, Antônio Felipe Camarão - o ‘Índio Poti’ -, Henrique Dias e o Mestre de Campo (correspondente ao atual posto de coronel) Antônio Dias Cardoso (‘O Campeão das Guerrilhas’), o grande vencedor da anterior batalha do Monte das Tabocas (1645) e

subcomandante do Terço de Fernandes Vieira, que, por ser fazendeiro, não possuía o preparo militar de Dias Cardoso. Para tanto, recorri ao renomado pintor, 2º tenente reformado Ostervaldo Galdino da Silva, então subtenente servindo no Estabelecimento General Gustavo Cordeiro de Farias, que, de forma mui primorosa, pintou as gravuras daqueles legendários comandantes, com as especificações dos uniformes, cores e honorificências com que Portugal os agraciou, as quais lhe forneci. Esses patriotas foram consagrados como ‘Patriarcas da Força Terrestre’ e as suas figuras, com os uniformes e as galas da época, fazem parte, atualmente, em todos os aquartelamentos do Exército, de uma galeria (‘Galeria dos Patriarcas’), logo abaixo da destinada aos Patronos das Armas, Quadros e Serviços (cujas gravuras são também obra artística do tenente Galdino, a quem o Exército tanto deve!). O ministro ainda me mandou resgatar o augusto nome de todos os maiorais que participaram da saga da Insurreição Pernambucana, das principais batalhas e de locais veneráveis da ‘guerra brasílica’ - consoante o magistério do coronel Bento -, e propô-los para denominações históricas de Organizações Militares, prioritariamente do Nordeste, afora as já existentes. Para que se tenha uma ideia deste árduo labor, vou apresentar as denominações atuais (atualizadas até 2005) dessas Organizações, com as datas de concessão, observando-se que a grande maioria delas ocorreu na gestão (1992-1999) tão profícua para a História do Exército, do general Zenildo de Lucena: 14º BI Mtz – ‘Regimento Guararapes’, Jaboatão dos Guararapes (PE), em 1982; 15º BI Mtz – ‘Regimento Vidal de Negreiros’, João Pessoa (PB), em 1982; 7ª Bda Inf Mtz – ‘Brigada Felipe Camarão’, Natal (RN), em 1987; 7ª RM/DE – ‘Região Matias de Albuquerque’, Recife (PE), em 1991; 1º B F Esp – ‘Batalhão Antônio Dias Cardoso’, Goiânia (GO), em 1991; 28º BIL – ‘Batalhão Henrique Dias’, Campinas (SP), em 1992; 10ª RM – ‘Região Martim Soares Moreno’, Fortaleza (CE), em 1993; 10ª Bda Inf Mtz – ‘Brigada Francisco Barreto de Menezes’, Recife (PE) em 1994; 10º Esqd C Mec – ‘Esquadrão Forte das Cinco Pontas’, Recife (PE), em 1994; 17º GAC – ‘Grupo Jerônimo de Albuquerque’, Natal (RN), em 1994; 4º B Com – ‘Batalhão Arraial Novo do Bom Jesus’, Recife (PE), em 1996; 35º BI – ‘Batalhão Luiz Barbalho Bezerra’, Feira de Santana (BA), em 1996; 4º BPE – ‘Batalhão João Fernandes Vieira’, Olinda (PE), em 1996; Esqd-Es Hipo/2º RCGd – ‘Esquadrão Capitão Manoel de Araújo’, Rio de Janeiro (RJ), em 1996; 14º B Log – ‘Batalhão Diogo Camarão’, Recife (PE), em 1998; 7º D Sup – ‘Depósito Campina do Taborda’, Recife (PE), em 2002; CRO/7 – ‘Comissão de Obras Batalha das Salinas’, Recife (PE), em 2003; Pq R Mnt/7 – ‘Parque de Manutenção Batalha de Casa Forte’, Recife (PE), em 2004. Observação: algumas dessas OMs podem, desde 2005, ter mudado de designação militar e/ou se transferido de aquartelamento, mas permanecem com as denominações históricas que lhes foram outorgadas.

Por derradeiro, digno de nota a respeito da instituição do Dia do Exército, foi a comemoração dos 350 anos da 1ª batalha dos Guararapes, ocorrida em 1998, no Recife e em Jaboatão dos Guararapes. Integrei a comitiva do general Zenildo, e, a meu ver, dentre os diversos eventos em que também se encontrava presente o nosso sempre mencionado coronel Bento, presidente da FAHIMTB, e seu filho Capitão de Fragata Carlos Norberto Stumpf Bento, premiado pelo CCOMSEx como vídeo sobre a Batalha dos Guararapes, sendo de maior relevância foi a memorável solenidade transcorrida na noite de 19 de abril, no carismático Forte do Brum, em Recife. Aquela vetusta e tradicional fortificação, lotada por seletíssimo público, foi palco da relembração das glórias dos Guararapes. A certa hora, as luzes se apagaram e na parte superior da entrada do Forte, apareceram vestidos de branco e iluminados por 'spot lights', o cantor e compositor Martinho da Vila e um seu acompanhante com um cavaquinho. Martinho cantou, visivelmente emocionado, 'Aquarela Brasileira' e 'Onde o Brasil Aprendeu a Liberdade', composições de sua autoria, sendo a última, alusiva à epopeia dos Guararapes, o que assaz sensibilizou a todos os assistentes, tendo muitos, como eu, chorado de patriótica e pura emoção ..

Como anteriormente assinali, outro extraordinário marco da administração do general Zenildo, com vistas à criação de tradições, valores e místicas, robustecendo a 'alma' da Força e enriquecendo a História Militar Terrestre, foi a instituição de Maria Quitéria de Jesus, como Patrono do Quadro Complementar de Oficiais. Tudo ocorreu em 1996, quando recebi um competente arrazoado das Tenentes do QCO, Adriana Périco e Regina Benini Moézia de Lima, hoje tenentes-coronéis (da primeira Turma, de 1992, do Quadro recém-criado, formada na Escola de Administração do Exército, em Salvador (BA), cuja denominação é 'Turma Maria Quitéria'). Tal documento apresentava uma proposta para que fosse instituído um patronato para o QCO, na pessoa da brava sertaneja baiana, Maria Quitéria de Jesus, a 'Heroína da Independência do Brasil'. Isso muito me entusiasmou e a solicitação, apresentada ao secretário-geral do Exército e ao ministro, obteve excelente acolhimento, pelo que, incontinentemente, passei a preparar a devida documentação; e, por meio de Decreto Presidencial, o objetivo foi alcançado, em 28 de junho daquele ano. Anote-se que o fato foi solene e festivamente comemorado na Bahia, por gradas autoridades e pela população em geral, no dia 2 de julho, que é a data em que os baianos celebram a nossa Independência; e, igualmente, porque foi uma superlativa homenagem à mulher brasileira!

Ainda com referência ao Exército no Nordeste, propus a denominação histórica de 'Batalhão Barão de Caxias', para o 24º BC, de São Luís (MA), há muito sugerida pelo então comandante, coronel Moura Barreto, hoje general; ressalte-se que existe uma monumental estátua equestre de Caxias, à frente do batalhão. Adiciono ainda o fato de que o primeiro título

nobiliárquico do Patrono do Exército, por ele escolhido, foi o de Barão de Caxias, após vencer os balaios, no final do movimento sedicioso da Balaiada, na cidade de Caxias, no interior do Maranhão. Desde 1997, a valorosa Unidade se orgulha da denominação recebida.

Como coroamento da diretriz ministerial de reavivar, em especial no Nordeste, as nossas gloriosas e imarcescíveis tradições militares, indaguei-lhe se poderia propor uma denominação histórica para a organização militar sediada em sua terra de nascimento, São Bento do Una (PE). Visivelmente alegre, me perguntou acerca do patrono e respondi-lhe que seria o general Abreu e Lima. Ele concordou e me deu carta branca para a elaboração do Estudo. Mas havia certa dificuldade, pois apesar de o ímpoluto general, que lutou na Venezuela ao comando do general Simon Bolívar, ter sido reabilitado por Dom Pedro I, alguns deturpadores da História tentaram tisonar a sua biografia. Entretanto, o presidente da FAHIMTB, coronel Bento, em histórico Estudo, contestou, documentadamente, as aleivosias (inclusive no campo ideológico) assacadas contra esse insigne personagem pernambucano, resgatando a sua memória, o que muito me facilitou para a conclusão da exposição de motivos. Em síntese: a 10ª Cia E Cmb, de São Bento do Una (PE), ostenta, com muita ufania, a denominação histórica de 'Companhia General Abreu Lima'.

O sesquicentenário da 'Paz de Ponche Verde', que foi o epílogo da Revolução Farroupilha, se deu no ano de 1845. A pacificação ocorreu em 1º de março de 1845, mercê da atuação do glorioso Barão de Caxias, que concedeu anistia geral e plena aos revoltosos e incorporou os farroupilhas ao Exército Nacional, com destaque para a manumissão dos famosos Lanceiros Negros, pelo que ele é o 'Pioneiro da Abolição da Escravatura', apud Cláudio Moreira Bento. Por essa e por outras ações de pacificação, Caxias recebeu os epítetos de 'O Pacificador' e de 'O Patrono da Anistia', este último, conferido pelo acadêmico e historiador Barbosa Lima Sobrinho. Em 1845, era ministro da Guerra o Brigadeiro Jerônimo Francisco Coelho, meu tetravô em linha direta. Ele, por delegação do Imperador -, foi quem redigiu, de próprio punho, as cláusulas do memorável acordo entre imperiais e farroupilhas. O catarinense Jerônimo Coelho foi ministro da Guerra por duas vezes, presidente das províncias do Rio Grande do Sul e do Grão-Pará, vice-presidente e deputado-geral pela província de Santa Catarina, entre outros títulos. Destarte, nada mais justo do que o Exército perpetuar a sua memória, emprestando o seu ilustre nome para uma de suas organizações militares. Em combinação com o comandante do 3º BPE, de Porto Alegre, lhe sugeri que apresentasse a denominação histórica do batalhão, no ano do sesquicentenário da 'Paz de Ponche Verde' (1995), em homenagem a um de seus fautores, o Brigadeiro Jerônimo Coelho, e assim foi feito. O

ministro Zenildo acolheu o pleito e hoje o 3º BPE se denomina 'Batalhão Brigadeiro Jerônimo Coelho'. Forçoso é dizer que para a elaboração do Estudo, também compulsei o artigo 'O Criador do Município de Canguçu', da lavra do coronel Bento, que traça um competente esboço biográfico do patrono do batalhão mencionado, e que foi o criador do município gaúcho que é a sua terra natal. Desejo ainda registrar a imprescindível contribuição do coronel Bento - o que já é repetitivo, mas mandatário nesses relatos - em mais duas denominações históricas que foram autorizadas pelo general Zenildo: as da AD/6, de Porto Alegre (RS), 'Artilharia Divisionária Marechal Gastão de Orleans', o Conde D'Eu, que comandou os Exércitos aliados ao final da Guerra do Paraguai, e, após o conflito, foi nomeado comandante-geral da Artilharia do Exército; e da 8ª Bda Inf Mtz, de Pelotas (RS), 'Brigada Manoel Marques de Souza 1º', bravo general que participou da Campanha da Cisplatina (1811/1812) e foi ministro da Guerra em 1822, pai de general homônimo, herói das guerras da Cisplatina e da Independência e avô do também batizado Manoel Marques de Souza, o lendário Conde de Porto Alegre, general da Turma do Duque de Caxias, partícipe da vitória da batalha de Monte Caseros, em 1852, comandante de Corpo de Exército na Guerra do Paraguai, e que foi presidente da província do RS e ministro da Guerra (aduzo-se que o 8º R C Mec, de Uruguaiana (RS), denomina-se 'Regimento Conde de Porto Alegre'). Eram todos nascidos em Rio Grande (RS). Para lastrear a sobredita denominação, o coronel Bento me enviou um mui completo, minucioso e robusto Estudo de historiografia militar, tinteado ao homenageado, poupando-me trabalho, pois não precisei mergulhar em pesquisas. Impende lembrar que o ministro Zenildo, no intuito de estreitar os laços de amizade com os Exércitos de países vizinhos, concedeu denominações históricas a algumas OMs, em preito de homenagem à Argentina, Venezuela, Paraguai e Bolívia. Assim, foram denominados histórica e respectivamente: o 19º R C Mec, de Santa Rosa (RS), de 'Regimento San Martín'; o 6º B E Cnst, de Boa Vista (RR), de 'Batalhão Simon Bolívar'; o 34º BI Mtz, de Foz de Iguaçu (PR), de 'Batalhão República do Paraguai' e o 2º B Fron, de Cáceres (MT), de 'Batalhão General José Miguel Lanza'. Em retribuição às distinções recebidas, os Exércitos desses países conferiram a denominação histórica de 'Duque de Caxias', a Unidades de fronteira. Por final, dentre tantos outros marcos da administração do saudoso ministro, gostaria de aduzir que com a finalidade de contribuir para a cultura e o sentimento cívico da população de Brasília, ele adaptou o amplo auditório do QG/Exército, no Setor Militar Urbano, liberando-o para também servir de teatro, dando-lhe a denominação, que lhe sugeri, de 'Teatro Pedro Calmon'. No Rio de Janeiro, transformou o Museu da Quinta da Boa Vista, em museu militar, que denominou, acolhendo minha proposta, de 'Museu Militar Conde de

**Linhares'. Não poderia esquecer, ao elaborar essa ampla recorrência histórica e sentimental, de dois assistentes do general Zenildo, que eu já bem conhecia, pois com eles servira na Academia Militar, e que em todas as oportunidades, prestigiaram o meu trabalho histórico-militar, cultural e heráldico, desenvolvido ao longo de doze anos no Centro de Documentação do Exército. Foram eles: o saudoso general Newton Bonumá dos Santos, de inexcelsa competência, dotado de aguda inteligência e de uma invulgar e poliédrica cultura geral e profissional, que tão prematuramente nos deixou; e o general Paulo Chagas, de esmerada formação militar, acendrado e desassombroso patriota, presidente do 'Grupo Ternuma' (Terrorismo Nunca Mais), um dos mais gigantes baluartes na luta contra os sempre solertes inimigos da Pátria, de 1935, de 1964, e dos dias atuais. A eles, a minha sempiterna gratidão! E ao coronel Cláudio Moreira Bento, presidente da FAHIMTB, que dentre outras titulações, é oficial de Engenharia e Estado-Maior, historiador, jornalista, professor, escritor, pensador militar fecundo e membro de inúmeros sodalícios histórico-culturais nacionais e internacionais, que me designou para ser o porta-voz da Federação, na homenagem póstuma ao general Zenildo, os meus mais sinceros agradecimentos! Nunca é demais lembrar que o coronel Bento, expoente-mor da História Militar do Brasil, é o maior polígrafo de todos os tempos, do Exército Brasileiro. A sua extensíssima produção 'gutenberguiana' supera a dos demais historiadores e escritores militares pátrios. Tal estupenda produção (livros históricos e didáticos, revistas, monografias, plaquetas, álbuns artigos, etc) é de extrema utilidade para a História Militar - ciência e arte que são analisadas pelo autor, de forma crítica e propedêutica para o estudo da Tática e da Estratégia. O seu pensamento militar, na constante exaltação de nosso marcial passado, marcou várias gerações de oficiais do Exército que estudaram na AMAN, pelos livros que ele sistematizou e pela assistência às suas aulas magistrais. Este escrevedor usou, didática e constantemente, tais publicações (de cor azul), quando instrutor/professor da matéria, na Academia Militar. Eis por que fiz questão de dar todos os créditos de meus anos de trabalho, sob o comando do general Zenildo, aqui arrolados de escantilhão e de forma imperfeita, ao presidente da tão mencionada FAHIMTB, mercê de sua inestimável contribuição para o meu múnus de chefia do CDocEx. Muito obrigado, coronel Cláudio Moreira Bento!**

**E para encerrar este cartapácio já tão alongado, gostaria de transcrever, rogando a compreensão da FAHIMTB, uma belíssima correspondência, assaz vibrante, emotiva e encomiástica, datada de 10 de junho de 1998, em papel especial e com o timbre do Exército, a mim endereçada pelo ministro, que me prodigalizou de forma por demais generosa (ela se encontra emoldurada e exposta em lugar especial de minha residência).**

**“Prezado Soriano [título por ele escrito de próprio punho] Apraz-me cumprimentá-lo pela excelência do trabalho produzido sobre as denominações históricas de nossas Organizações Militares. A interpretação das vozes e ecos do passado retrata muito do que somos. Nesse mister, o Centro de Documentação do Exército tem sido um eficaz veículo de preservação e culto da memória da Força, traduzindo a importância que atribuo à nossa gesta. Ao manifestar o meu reconhecimento pelo competente trabalho que vem sendo desenvolvido, concito-o a perseverar em sua missão, vital para o fortalecimento de nossos valores e tradições. [E outra vez, de próprio punho] Com um abraço, o amigo e admirador Zenildo. Gen. Zenildo de Lucena, Ministro de Estado do Exército.**

**Está cumprida, à minha maneira, a Missão! Só me resta agradecer, bastante lisonjeado, à nímia confiança do presidente da FAHIMTB, a qual, reverente, roga ao Altíssimo para que vele pela alma do ex-ministro que de nós se afastou e soube como ninguém, muito bem honrar, em toda a sua excelsa vida militar, o altaneiro, glorioso e invicto Exército de Caxias!**

**Dedico este encorpado memorial, nada mais do que saudosas aparas do tempo em uma visada à ré, à inesquecível memória do GENERAL ZENILDO GONZAGA ZOROASTRO DE LUCENA. ‘REQUIESCAT IN PACE!’**



**Nota.O General Zenildo foi o primeiro presidente de Honra do hoje Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil ao ser fundada em 1º de março de 1996**